

Relações sociais e a erva-mate em terra indígena Kaiowá e Guarani

*Relationships and erva-mate in Kaiowá and
Guarani indigenous land*

Raul Alffonso Rodrigues Roa¹

Reginaldo Brito da Costa²

Antonio Jacó Brand⁵

Josemar de Campos Maciel⁴

Wagner José Martins⁵

¹ Doutorando em Agronomia, Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Campus Ilha Solteira-SP

^{2, 3, 4} Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Programa de Mestrado
em Desenvolvimento Local, Campo Grande-MS.

⁵ Mestrando em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul (UFMS), Campo Grande-MS.

RESUMO

O presente estudo objetivou entender como estão as relações dos Kaiowá e Guarani com a erva-mate e as implicações na organização social, na Terra Indígena de Caarapó, MS, em um ambiente em constantes mudanças do entorno de suas áreas, o que implica uma breve consideração da percepção tipicamente indígena da territorialidade. Abordam-se, neste contexto, aspectos da organização social e territorialidade indígena, com base na literatura e em relatos de informantes raros da comunidade indígena. Os resultados da pesquisa demonstraram que a sustentabilidade dos Kaiowá e Guarani passa necessariamente pelo fortalecimento da organização social, a partir das famílias e das relações de parentesco que são produzidas e reproduzidas nos territórios, permitindo a manifestação de territorialidades específicas. O estudo da erva-mate dentro da Reserva Indígena, em Caarapó, torna-se importante enquanto confere alternativa concreta no sentido de apontar estratégias que serão discutidas e aplicadas ao longo do tempo. A interlocução com os atores do processo é relevante, pois valoriza o conhecimento tradicional e contribui para a exequibilidade de ações futuras voltadas para a sustentabilidade interna.

PALAVRAS-CHAVE

erva-mate
supressão da vegetação
organização social

ABSTRACT

The study at hand attempts to understand the relationship between the Kaiowá and Guarani populations, their social organization and the erva-mate (Ilex paraguariensis St. Hil.) in the indigenous land of Caarapó, MS. Insofar as there are continuous changes happening in their land, it has been necessary to pay some attention to the typical meaning of territoriality to indigenous populations. In this context, one deals with aspects of social organization as well as with the conception of indigenous territoriality, drawing from literature on the subject, but mainly from reports of rare informants from the indigenous community. The results of the research point to the consideration that sustainability of the Kaiowá and Guarani has to do with the strengthening of their social organization, departing from the families and the parental relationships that they produce and reproduce inside their land along time, thus allowing specific conceptions of territoriality to emerge. The research on the erva-mate inside the indigenous Land / reserve of Caarapó, MS, becomes relevant and points towards a concrete alternative, i.e., to support strategies that shall be discussed and put into practice, in due time. Dialogue with the actors of the process is relevant, because it takes positively into account traditional knowledge, and contributes to render possible future actions that envisage endogenous sustainability.

KEY WORDS

erva-mate
suppression of vegetation
social organization

1 INTRODUÇÃO

A erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hil.) é uma espécie vegetal muito difundida pelo hábito da infusão com água quente (chimarrão) ou fria (tereré) para consumo e advém da tradição do povo paraguaio. Seu valor está agregado tanto pelo mercado consumidor quanto cultural, uma vez que é muito conhecida no Estado de Mato Grosso do Sul e também faz parte do cotidiano dos Kaiowá e Guarani, etnias que fazem parte da história do Estado.

A distribuição natural da erva-mate abrange a região sul de Mato Grosso do Sul onde estão inseridas as áreas que eram de domínio dos Kaiowá e Guarani os quais mantinham contato com a planta, participando do seu contexto histórico-cultural. A demarcação de terras para os indígenas em pequenas áreas – a região de Caarapó insere-se nessa realidade – fez com que grande parte da vegetação natural fosse suprimida e levou quase ao esgotamento dos recursos naturais.

A erva-mate faz parte da história do Estado, antes mesmo da divisão de Mato Grosso, em 1967. O extrativismo da planta foi de grande importância para o desenvolvimento econômico do Estado de Mato Grosso, particularmente na região sul. O crescimento da atividade ervateira culminou no conhecido Ciclo da erva-mate, que teve como protagonista deste cenário o empresário Thomaz Larangeira, fundador da Companhia Matte Larangeira.

Conforme o consumo da erva nativa aumentava significativamente, a Matte Larangeira crescia e alcançava grandes conquistas, como a expansão das áreas para extração da matéria-prima. O Governo Imperial concedia-lhe autonomia para trabalhar com a espécie e, em troca, recebia apoio político. Porém, com Getúlio Vargas no poder, a Empresa perdeu todos os seus benefícios e acabou falindo. Na ocasião, os getulistas apregoavam que a região Sul do Estado de Mato Grosso era ‘terra de ninguém’ e deveria ser povoada, principiando assim a “marcha para o Oeste”¹.

Portanto, uma inevitável migração para a região tornou-se intensa. As áreas com vegetação nativa foram praticamente devastadas para a implantação de fazendas de gado e monoculturas agrícolas, diminuindo expressivamente as produtoras de erva mate. No caso

específico da aldeia Te'y Kue, em Caarapó, MS, extensos ervais nativos vegetavam em suas áreas, tornando-se reduzidos com a supressão dos recursos naturais. Alguns fragmentos de vegetação restaram e neles estão contidos poucos indivíduos que asseguram a informação genética do germoplasma em constante retração populacional, resistindo ao longo do tempo, às ações humanas.

Estes aspectos remetem à seguinte questão: os diferentes fatores de alteração ambiental têm produzido mudanças nas relações sociais e a erva-mate? Esta é uma questão que merece atenção, tendo em vista a importância da espécie para os Kaiowá e Guarani.

Nessa abordagem, o presente estudo objetivou entender, em um ambiente em constantes mudanças do entorno de suas áreas, o que implica uma breve consideração da percepção tipicamente indígena da territorialidade, como estão as relações da etnia com a erva-mate e as implicações na organização social, na Terra Indígena de Caarapó, MS.

2 METODOLOGIA

O trabalho buscou na reflexão bibliográfica em seus aspectos relacionados à tríade territorialidade indígena, sociedade e erva-mate, visando entender as relações dos Kaiowá e Guarani com a espécie.

Para tanto, pessoas (informantes raros) foram escolhidas em função de seu reconhecimento pela comunidade como possuidores de experiência e tradição no contato com a erva-mate. Os seus conhecimentos em relação à distribuição da espécie na área proporcionaram uma pesquisa mais acurada, além de contribuir no entendimento das práticas agrícolas adotadas por eles. Outro aspecto relevante é colaborar nas atividades que ali serão desenvolvidas com a espécie, auxiliando os protagonistas do processo (indígenas) no estabelecimento e continuidade, valorizando a visão tradicional como aparato diferencial no processo. O tempo de residência no local, também é um fator determinante na escolha dessas pessoas. Nesse sentido, cinco pessoas com o perfil referido elegeram-se.

Conforme Vietta (1998), a entrevista semiestruturada, como recurso técnico, permite a coleta de dados e, ao mesmo, tempo tem a

capacidade de explorar os dados verbalizados, possibilitando avaliar os elementos psicossociais envolvidos e subjacentes na fala dos entrevistados, relevantes para a pesquisa.

Questões abordadas nas entrevistas:

- Qual a importância da erva-mate para a etnia?
- Como foi e por que houve o desaparecimento da erva-mate na aldeia?
- Quais os prejuízos mais observados com a ausência da espécie?

3 OS KAIOWÁ E GUARANI

Os Kaiowá e Guarani são conhecidos, historicamente, como povos da mata, uma vez que escolhiam para a construção de suas aldeias preferencialmente essas áreas. Foram descobertos pelos colonizadores por volta de 1750 (BRAND, 2003) e os mais atingidos pelas ações dos bandeirantes paulistas, a partir de 1632, resultando no “aldeamento” dos sobreviventes a tal ação, próximo aos rios Apa e Paraguai, por um breve período de tempo (GADELHA, 1980).

Segundo Brand (2003), poucos contatos foram mantidos com os Kaiowá e Guarani até 1850. No fim do século XIX, iniciou-se a ocupação do seu território através das ações da Cia Matte Larangeira, por meio da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) e da implantação das fazendas de gado. As aldeias localizadas em áreas com ervais nativos engajaram-se, amplamente, na tarefa de coleta da erva-mate. Ribeiro (1970) manifesta que a exploração dos ervais foi realizada, principalmente, por paraguaios que, falando também o guarani, mais facilmente puderam aliciar os índios para o trabalho, ensinar-lhes as técnicas de extração, preparo da erva e acostamá-los ao uso de ferramentas, tecidos, aguardente, sal e outros artigos, sendo assim, posteriormente, condicionados à sua integração, como mão-de-obra, na economia ervateira.

A implantação da Colônia Agrícola marcou o início de uma longa e difícil luta dos índios pela manutenção de seu território. Em 1915, o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) iniciou suas atividades junto aos

Kaiowá e Guarani, na região da Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul, demarcando a 1ª Reserva Indígena Kaiowá (Posto Indígena de Amambai), com 3.600 hectares, pelo Decreto Estadual n. 404, de 10/9/1915, Ofício n. 180 e a criação de mais sete Reservas Indígenas, incluindo a dos Kaiowá, de Caarapó, todas com aproximadamente 3.600 hectares (BRAND, 1997).

A demarcação das oito reservas indígenas, resultado das ações da SPI e do governo do Estado, entre os anos de 1915 e 1928, segundo Lima (1995), sinaliza e oficializa o processo de confinamento compulsório. Ao demarcar essas pequenas porções de terra, o governo liberava as demais áreas para a colonização. Ou seja, criava “espaços livres para a empresa privada”. No final da década de 1970, do território original de aproximadamente 20 mil quilômetros quadrados, restaram legalmente aos Kaiowá e Guarani apenas oito reservas com um total de 18.124 hectares. Na região da Grande Dourados, a implantação da Colônia Agrícola Nacional, em 1943, atinge em cheio inúmeras aldeias (BRAND, 1993).

A superpopulação no interior das áreas, hoje de posse dos índios, reduziu o espaço disponível, levando ao esgotamento de recursos naturais importantes para a sua qualidade de vida e dificultando o seu sistema agrícola. O processo de confinamento provocou a rápida passagem de alternativas variadas de subsistência – agricultura, caça, pesca e coleta –, para uma única alternativa, a agricultura apoiada em poucas variedades de cultivares (BRAND, 1997).

4 ORGANIZAÇÃO SOCIAL E TERRITORIALIDADE INDÍGENA

A organização social pode ser considerada como um grupo (ou povo) que vive seu cotidiano, seus laços de parentesco, suas formas de organização política, suas relações de poder, suas práticas de produção, trocas, distribuição e sua religião. Enfim, sua reprodução cultural e relações dentro dos grupos em nível macro e micro familiares.

No entanto, há grandes dificuldades para essas sociedades preservarem sua autonomia social no contexto das relações com a sociedade regional que hoje está mais presente do que nunca no seu cotidiano. Este é o caso dos Kaiowá e Guarani, no Mato Grosso do

Sul, que possuem suas poucas terras localizadas praticamente dentro dos perímetros urbanos das cidades, sendo demarcadas, propositalmente, tão próximas com o intuito de facilitar a sua integração. Segundo Barth (2000), as fronteiras étnicas se mantêm, produzem e são constantemente atualizadas exatamente nesses contextos de intenso contato com os outros. Ao contrário do que se pensava anteriormente, é nesse contexto de forte interação que o povo Kaiowá e Guarani vem, crescentemente, afirmando a sua organização social e sua identidade indígena.

Essas comunidades foram, por muito tempo, consideradas pelos colonizadores como desorganizadas, pois apresentavam formas de organização social diversificada, seja de outros povos indígenas, seja dos modelos ocidentais. Segundo Brand (1997), a organização social dos Kaiowá apresenta grande capacidade de “adequação” a contextos históricos distintos. É sua organização social que lhes permite manter sistemas de troca e boas condições de compartilhar sua produção, seguindo a economia de reciprocidade, que possibilita a manutenção e fortalecimento do relacionamento entre as famílias.

Os povos indígenas constroem uma relação mitológica com o seu território como expressão de sua própria identidade e têm um enraizamento simbólico diferenciado com o mesmo. O processo de confinamento gera, atualmente, tensão entre os diferentes grupos familiares, em decorrência da falta de espaço necessário para a produção do seu modo de vida. Dessa forma, algumas etnias praticam atividades de subsistência mais sedentárias do que outros que preferem relações com uma geografia determinada (SEEGER e CASTRO, 1979).

Existem alguns conceitos que ainda são utilizados de forma inadequada, dificultando, muitas vezes, o entendimento dessa questão. É preciso destacar a diferença entre terra (lugar de trabalho agrícola ou solo onde se distribuem recursos animais e de coleta) e o conceito de território (dimensões sócio-político-cosmológicas mais amplas). Essa confusão é uma das muitas causas que tornam difícil a demarcação de terras indígenas, pois o conceito de território tradicional tem implicações que não se baseiam apenas em fronteiras geográficas,

mas em critérios de exploração econômica e muitos outros fatores (GALLOIS, 2004), pois a dinâmica territorial influencia na organização social e em definições étnicas dos povos indígenas (SEEGER e CASTRO, 1979).

Espaço e o território não são termos equivalentes. É essencial entender que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, sendo resultado de uma ação conduzida por um agente realizador de um programa. Ao se apropriar de um determinado espaço, o agente “territorializa” o espaço. O território se apoia no espaço, sendo uma produção, a partir dele. Qualquer projeto no espaço, que é expresso por uma representação, revela a imagem desejada de um território, de um local de relações (RAFFESTIN, 1993).

Para as sociedades indígenas, a terra (espaço) em que se inserem, se projeta para além de um meio para subsistência. O sistema social e todo seu conjunto de crenças e conhecimentos estão intrinsecamente ligados ao território, considerando-o não apenas como um recurso natural, mas sociocultural (RAMOS, 1995). Por essas razões, fica evidente o significado da importância do território para as populações indígenas e a necessidade de sua reprodução para a manutenção das práticas tradicionais referentes a esses povos, por meio da territorialidade.

O território pode ser designado, também, como o “espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder”. Dessa forma, entende-se que todos os aspectos (características endêmicas) que formam o espaço no qual se insere o território atuam como componentes e mesmo para a compreensão da sua origem. Ainda, uma vez que o território não é o local propriamente dito, mas a sua representação em um espaço determinado, pode-se inferir a construção ou desconstrução do mesmo, nas mais diversas escalas (SOUZA, 1995).

Segundo Santilli (2005), o conceito de território, sob a perspectiva da interpretação antropológica, deve ser compreendido como “espaço necessário à reprodução física e cultural de cada povo e sua tradição, considerando as formas diferenciadas de uso e apropriação

do espaço territorial”. Para Little (2002), o território é um produto histórico de processos sociais e políticos. Há, por isso mesmo, uma multiplicidade de expressões de diferentes povos, produzindo um leque muito amplo de tipos de territórios, cada um com sua particularidade sociocultural.

A ocupação do território indígena pelos colonos ocorreu de forma sistêmica e provocou o desmatamento e, conseqüentemente, profundas alterações ecológicas, fazendo com que os indígenas “não aldeados” – que seguiam vivendo fora das reservas demarcadas pelo SPI –, fossem deslocados de forma compulsória para dentro das mesmas reservas, provocando o confinamento do povo Guarani e Kaiowá (BRAND, 1997).

A supressão de matas, animais e outros recursos naturais trouxeram e ainda trazem impactos negativos diretamente no repasse dos conhecimentos tradicionais aos mais novos, visto que esse conhecimento era transmitido no dia-a-dia, na vivência do cotidiano. Castro (2000) aponta para a idéia de que a natureza para as comunidades tradicionais é o lugar de constante observação e pesquisa, sobretudo o que faz parte do território e, principalmente, é o local onde são produzidos e reproduzidos os saberes tradicionais. Assim, a ausência das matas e demais recursos naturais no cotidiano dessas populações se traduz na estagnação da aprendizagem e transmissão do conhecimento tradicional.

A territorialidade, por sua vez, é uma relação individual ou coletiva com um território considerado como “apropriado”, no sentido de “tornado propriedade”. A territorialidade age na defesa elementar do espaço necessário à sobrevivência, importante para o processo de socialização, fornecendo condições apropriadas para a elaboração da identidade do grupo. A territorialidade é o resultado um meio que da reprodução parcial ou integral de seu território e anseios em novos espaços (BRUNET *et al.*, 1993).

O processo e o produto territorial por meio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas são vividas pelos homens ao mesmo tempo. De acordo com Raffestin (1993), a territorialidade reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos elementos

que compõem uma coletividade na sociedade. O estabelecimento das relações de poder permite a interação entre os agentes que buscam modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. E, a partir disso, os atores também modificam a si próprios.

No caso específico dos Kaiowá e Guarani, a territorialidade passou por um processo intenso de transformações decorrentes da diminuição de áreas disponíveis ocupadas pela colonização do Centro-Oeste brasileiro. Essas transformações atingiram, obviamente, a sua organização social. O confinamento inviabilizou a possibilidade de movimentação dos grupos dentro do território amplo, influenciando diretamente sua sustentabilidade, nas quais a coleta e a caça, junto com a agricultura, ocupavam lugar importante (BRAND, 1993).

Sendo assim, a territorialidade é uma abordagem que permite recuperar e valorizar a história da ocupação de uma terra por povos indígenas, como também propicia melhor compreensão de sua cultura, em especial, sua organização social. Portanto, pressupõe ser um elemento útil à coesão dos grupos sociais. Por outro lado, pode contribuir como fonte ou apoio a hostilidades e formas de exclusões não adequadas à realidade aspirada pelos indígenas.

5 OS KAIOWÁ/GUARANI E A ERVA-MATE

A prática indiscriminada e sistemática da apropriação da natureza pelo uso da tecnologia reserva-nos um futuro preocupante. A necessidade de estabelecer formas para o reconhecimento das práticas, métodos e direitos dos povos indígenas e das populações tradicionais é imprescindível assim como respostas alternativas e responsáveis para a valorização, controle e manutenção ou racionalização do uso dos recursos naturais, obedecendo ao princípio do desenvolvimento sustentável em que os recursos não sejam explorados em um nível superior ao de suas taxas de reposição (SANTILLI, 2005).

Conforme Diegues (2001), para os povos tradicionais, suas atividades com o ambiente não deveriam causar danos. Porém, a introdução de algumas práticas, especialmente de uso da terra, foram

incorporadas e trouxeram prejuízos ambientais às áreas que habitam, destacando as populações indígenas como as mais lesadas nesse processo. Ao enfatizar essas populações, tem-se que considerar sempre o aspecto relevante do confinamento em pequenas áreas.

Entre a etnia é evidente sua relação direta com o meio ambiente para a manutenção de sua forma de vida, fazendo parte de sua cultura que, por sua vez, não é estática. Ela sofre transformações no decorrer do tempo, caracterizando um ciclo de uso e desuso (LARAIA, 2002). Dessa maneira, a aproximação e relação com os povos ocidentais e a visão de mundo dos mesmos, levaram os Kaiowá e Guarani à interação que gerou algumas mudanças significativas na sua forma de atuação sobre o meio ambiente.

A relação dos Kaiowá e Guarani com a erva-mate não se distancia historicamente da descoberta e exploração da planta, visto que aconteceram em paralelo e os indígenas foram usados para esses fins.

A própria localização da etnia no Mato Grosso do Sul proporcionou um privilegiado conhecimento da erva-mate e de suas propriedades de uso. Conforme Arróspide (1997), a utilização pelos Guarani era restrita no início do século XVI. Os xamãs eram os únicos que a usavam para rituais de consulta aos maus espíritos, porém era servida, também moderadamente, aos velhos para restituir as forças. O uso da erva-mate pelos não-índios retringia-se ao uso terapêutico. Devido à convivência com os nativos, a erva foi sendo incorporada e utilizada com mais frequência.

Segundo Contini (2006, p.20):

os Guarani até onde se conhece, estabeleciam suas relações com a erva a partir de elementos imateriais, sendo utilizada como um 'elo' que ligava o mundo material ao espiritual, ou como um elemento que facilitava a comunicação com o sobrenatural. O não-índio intensificou a utilização da espécie sob outros pretextos, onde destacam-se a dominação de um território cada vez maior, e seu próprio desenvolvimento econômico.

Aspectos que ajudam a entender a relação entre os Kaiowá e Guarani e a erva-mate são apresentados em forma de relatos de entrevistas realizadas no mês de novembro de 2007 com os informantes raros, habitantes da aldeia indígena de Caarapó, MS.

“A erva é muito importante pra nós”

Segundo Orlando Juca da Silva, Kaiowá, 58 anos, a erva-mate possui um grande significado para a etnia. Ele diz que:

Olha, é... erva-mate é pra nós que é tanto como índio Kaiowá/Guarani, pra nós importante pra nós tê o nosso costume é levantá cedo nós que nem um senhor de idade a gente levanta cedo, primeiramente procura um mate, depois é pra gente caça negócio de comida, sabe? E se nós não tivê uma erva é que nem eu vejo muito aqueles é... meu avô a meu bisavó, falava que a pessoa não tem aquela aquele vício dele, ele levanta nervoso. Então, a gente tendo aquele mate, por ali você toma duas três cuidada de mate, passa né? Já tem alguma cabeça fresca... Cê vai invês de você levantá mei cum raiva dali não, cê já levanta dali pensano aquele quê que cê vai fazê, quê que num. Tudo as coisa que cê vai fazê tudo vai dá certo. Por que? Porque cê já tá de cabeça fresca.

Percebe-se que o hábito usual da erva-mate faz parte da vida cotidiana tanto dos Kaiowá como dos Guarani. O chimarrão, ingerido pela manhã e o tereré, nas demais horas do dia, principalmente as mais quentes, têm neste contexto, uma importância mitológica envolvida.

Na entrevista de Lídio Cavânia Ramirez, Kaiowá de 27 anos, percebe-se o valor da espécie para os indígenas, que não se traduz apenas no uso como bebida, mas também faz parte da sua cultura. Ele resgata boa parte da história da erva-mate e ainda revela o seu uso primitivo. Segundo ele:

A questão da importância é porque ele tem a questão do mitologia. A partir dali, surge toda a regra que tem que ser obedecida. Por exemplo, a questão do tereré, pra tomá. Antes no início, que o nosso deus ñanderu², que fala, pá fazê erva só como remédio, que serve pá dor de cabeça. Por isso que hoje em dia, por exemplo, se você é viciado no tereré ou chimarrão, se não tomá, já dá dor de cabeça. Então você tem que tomá pra passar essa dor. Então ele (referindo-se ao deus) indicô como remédio. E tem uma regra. Por exemplo, questão das criança que num podi brincá com a erva, porque ela tem um dono. Por exemplo, se ele brincá com a erva, a noite ele pode tá sonhando com a pessoa de roupa verde, assim e, pode ter um sonho com uma mulher, ou com um homem assim. Mas geralmente é com mulher, porque origem veio da mulher. Então as criança não pode mexe tereré. E mesmo as pessoa assim quando toma tereré, tem que

agradecê, né? Não pode tomá e saí assim. Senão o dono pode assim, cobrá você assim. Pode tê coisa ruim. Tem essa parte assim. Agora, geralmente na nova geração, as pessoa que não tem esse conhecimento, eles já dá pras criança. Antigamente não. As pessoa não dexava. Mesmo que criança faz tereré, não dexa ele colocá na boca. Por exemplo, se criança, pequeno, antes de falá, mais ou meno 1 ano ou 2 ano, aí num consegue falá bem ainda. Então, se começá nessa fase, bomba na boca dele como toma tereré futuramente vai tê problema na questão da fala. Vai gaguejá muito. Num vai falá muito bem. Essa é a concepção que tem né?

É evidente que com o passar dos anos, a erva-mate foi sendo cada vez mais utilizada pelos indígenas. Conforme apresentado por Lídio, a nova geração de índios, principalmente os que desconhecem a história da erva, permite que as crianças consumam e possuam o hábito de usar a espécie. Segundo observado nas entrevistas e mesmo encontrado em bibliografia (LINHARES, 1969), antes o uso do mate era limitado apenas aos mais velhos, para evitar problemas futuros com os mais novos.

A fala de Fernando Peralta Marques, Kaiowá, reforça esses fatos narrados. Segundo Fernando, “Os antigo não dexava criança tomá, porque conta eles que tinha sonho ruim”. Inocência Benites Marques, Kaiowá, esposa de Fernando, também contribuiu nessa linha. Segundo ela, os mais novos perderam o respeito com os mais velhos e agem de acordo com suas vontades. Ela argumenta que, “Meu netinho hoje toma. Antigo não dexava. Minha vó falava: Ah minha netinha! Você não pode tomá esse aí. Hoje perdêro respeito com os mais velho.”

Partindo do princípio da organização social, pode-se observar claramente a influência que a erva-mate possui no fortalecimento das relações sociais que ali se estabelecem, alcançando dimensões intra e interfamiliares. De acordo com Orlando Juca, há uma grande importância na constituição familiar e nas relações sociais com os amigos em torno do tereré. A preocupação com a manutenção dos hábitos culturais também é explicitada a seguir. Segundo ele:

Então pra nós é muito importante isso que nem tô falâno pro senhor, que a gente, prá nós, que nem hoje nós têmo nossos filho nossas filha, que não tão... que eles tão pegano ritmo de branco, sabe? Porque os branco levanta cedo, cua um café e...

mêmo assim, que nem, eu sempre eu disse, eu falo pro meus amigo a gente, que nem a gente, os branco levanta cedo e faz o seu café tomá ali, o cafezinho ali e ele vai trocâno as idéia ali com os filho, com as muié ali é, reunido com filho ali, então como é que ele vai fazê aquele serviço, aonde que ele vai, aonde que num dé pra fazê, então... e assim é nós índio Guarani e Kaiowá, sabe? Porque nós toma um tereré, um mate ali nós vai trocano umas idéia, como que é sistema, o quê que é pra nós fazê, o quê que num é pra fazê. E todo nós, é índio como Guarani Kaiowá nós tem... teria é que nem sempre meu avô, meu pai assim, meu pai que é falecido tá com 15 ano: " no lugar que tem tereré ali tá parecêno alguma coisa". Alguma idéia boa, sempre ali tem. Então, ali parece de tudo. Ali parece uma idéia bom, parece a idéia ruim tamém. É que sempre... Então, é uma coisa muito bom pra nós, a erva é muito importante pra nós.

Ainda, no que diz respeito à importância cultural que a espécie possui, Lídio Cavânia enfatiza que:

A questão do valor cultural, com o passar do tempo, essa nova geração que vem, ele não vai tá sabendo mais qual a sua origem. Se é do Kaiowá ou outra pessoa que trouxe. Se essa nova geração não dé importância, não dá valor, a erva vai tá sumindo... tá morrendo. Vai tá perdendo seu valor.

Constata-se o relevante e essencial papel que a erva-mate tem para os Kaiowá e Guarani. Com isso, as ações que possam direcionar e fortalecer as atividades que permeiam as diferentes formas de uso e aporte para manutenção das indiscutíveis abordagens no contexto histórico-cultural só trarão resultados eficazes com a participação direta da comunidade indígena no planejamento e execução de seus reais objetivos durante o processo.

“O fogo foi entrando e cabô com tudo”

Quando a questão abordada referia-se aos motivos e como aconteceu o desaparecimento da erva-mate na área da aldeia, todos foram unânimes e culparam o fogo como a causa mais conhecida e intensa na destruição dos ervais nativos.

Para Evaldo Marques Laranjeira, Kaiowá de 37 anos, os protagonistas da diminuição expressiva dos ervais na aldeia foram o desmatamento e o fogo. Segundo ele:

A erva-mate no começo era, nós era rico na erva-mate. Sobrevivia, os mais antigo eles se mantinha pela erva mêmo. E aí, foi desmatando, foi derrubando mata e então a vegetação foi acabando e a erva tamém foi acabano. Foi entrâno fogo e foi acabâno a erva. Hoje nós tâmo falido de erva.

Segundo Fernando Peralta, não há dúvidas quanto ao desaparecimento dos ervais: “Fui criado com meu pai e era. Aqui era só erva mêmo. O que acabô é fogo. Em 78 era só erva”. Ele enfatiza ainda, que quando criança era comum a convivência com a espécie, mas, no decorrer do tempo, ela foi desaparecendo. Essa linha de pensamento é confirmada de acordo com Lídio Cavânia, para ele: “tinha muita erva nativa. Perto da casa da minha tia, tem mais de 10 pé de erva nativa. Essa era região de erva. Por isso chama Caarapó mesmo. Com o tempo é... a questão do fogo entro muito”.

Pode-se observar que, os modelos de práticas agrícolas adotadas ao redor da área indígena, somados ao processo de confinamento, levaram obrigatoriamente ao uso dos recursos vegetais disponíveis e assim, ao longo do tempo permitiram o desaparecimento dos ervais nativos.

Nesse contexto, da diminuição até ao desaparecimento de ervais nativos dentro da aldeia, verifica-se que a prática do fogo é a forma mais agressiva e que frequentemente traz os maiores prejuízos, não só para a espécie, como também na questão ambiental como um todo. Para o Kaiowá Evaldo Marques:

O fogo acaba prejudicâno a nossa própria natureza. E a gente é uma área assim, preservada, e a gente sabe assim, que o incêndio não é proibido. Tanto é prejuízo pra nós, como pra nascente de água. Porque nossa Reserva, maioria é nascente, que abastece. Porque cê percebê, que árvore você tá no sol, entra embaxo, cabô a caloria. Não é proibido cortá árvore, mas corta prá uso e torná a prantá algumas árvore.

“Tâmo comprano né?”

Nessas entrevistas foram questionados alguns aspectos relevantes na pesquisa. Entre eles, os prejuízos notados com praticamente a ausência da erva-mate dentro da Tey’Kue. Pôde-se observar que o mais

citado é a compra de erva para consumo. Essa afirmação está baseada nas informações obtidas e serão descritas a seguir.

Segundo Inocência Benites, o mais preocupante é que: “a gente compra erva. Não tem mais”. Visitando a área da aldeia é que se convive com essa realidade. Quando entrevistado, Evaldo Marques argumentou da seguinte forma:

Eu quando era criança, 10 ano, participava, a gente participava né, vê lá cima de barbaquá³, montão de erva. Hoje a gente não vê muita erva. A gente usa mais erva comprada. Em 81, 82 era produzida aqui mesmo. E daqui eles levava pá cidade. Então, os que trabalhava na erva, sobrevivia de erva. Os antigo vendia erva sem tê preocupação. A produção de erva vale ouro hoje. É muito procurado. A gente percebe que tá voltâno. Quando tinha mata aqui, erva dava do tamanho desses pé de ingá (apontando árvore). Hoje erva sumiu. Se você qué tomá um tereré você tem que comprá. E a erva, 1 kilo só pra um mês num vai. Tem alguns pé que foi produzido aqui no viveiro e foi distribuído, mas cada um é seu. Num é pá todos.

Não obstante, ele ainda demonstra o descontentamento com a distribuição de mudas. Para ele, ainda há muito que ser conquistado, principalmente na autonomia da comunidade indígena para plantio, produção e consumo de erva-mate, que pode se abster da compra.

Para confirmar essa necessidade de auto-suficiência com a erva-mate, Orlando Juca apresenta como única alternativa o plantio. Para ele, além de reservar para os descendentes uma razoável quantidade de erva-mate plantada para consumo, é interessante também não deixar desaparecer a espécie, pelo valor cultural para a etnia. Orlando diz:

Então, essas gurizada tão pegâno tomâno tereré. E daqui mais um tempo se não tivé, se não vâmo cuidâno disso, véio se não cuidá da erva, amanhã, depois eles não vão querê cuidá da erva, e vão se afastando. A erva vai cabâno. Se eles quisé tomá tereré, chimarrão vão tê qui comprá, no armazém né, porque não tem otro jeito. Agora se nós prantá o nosso mesmo aqui. Aqui dá procê prantá e colhê, né... que erva também é comprado, né? Bom, muita gente compra e muita gente não compra porque muito daqueles que tem condição de comprá compra e aquele que não tem condição, eles vão lá e pegam no pé. Eu

acho que aqueles mais antigo pegava, porque aqueles mais antigo gosta de pegá no pé e sapecá e ele muía pra podê tomá no tereré ou chimarão dele, né? Diz eles que são mais gostoso aquele sapecado na hora ali. Por isso é bom mêmo a gente cuidá mais a erva, pá num cabá, porque a gente invitá de comprá, né? E assim, tomara que num caba. Aqui, pelo meno aqui, aqui dentro de aldeia de Caarapó, Te' yikue num quero como se diz o otro, num quero que caba erva, porque pra ficá de lembrança pros nossos filho, daqui a mais tarde, daqui uns 10, 12 ano ele fala: Ah, essa é o fulano de tal que prantei, essa nosso pai, esse o nosso avô que prantô.

Outrora, a erva-mate dominava a paisagem do local, com os ervais nativos que ali estavam presentes. Muitos dos indígenas que moram no local contam sobre o seu contato, quando criança, com a espécie. O Kaiowá Fernando Peralta diz: “Fui criado com meu pai e era. Aqui era só erva mêmo. O que acabô é fogo”. Com a diminuição expressiva da área de ervais na região, pode-se inferir que um planejamento futuro para conservar a erva-mate já está sendo realizado, especialmente, no âmbito da escola.

“Erva dá...”

Na perspectiva de futuras ações a serem desenvolvidas na aldeia de Caarapó, uma das questões abordadas foi quanto à visão que a comunidade indígena possui com a implantação do teste de progênie estabelecido naquele local. As respostas variaram um pouco, mas convergiram para uma finalidade que será apresentada como segue.

O Kaiowá Orlando Juca, afirma:

Se nós prantá o nosso mêmo aqui. Aqui dá procê prantá e colhê, né... que erva tamém é comprado, né. A gente pode saí vendêno. Se ocê tivé uma erva mate aí de uma, uns 50, 100 muda prantado, bem tratado, bem reservado, você tem um dinheiro seguro ali. Que a erva é caro, né? Então a gente pensa... eu penso assim que se a gente tem a erva aqui, eu tô cuidâno aquela erva, se você quisé corta, secá, você ta invitâno de comprá no mercado. Sabendo que ali é seu mêmo. Por exemplo, se ocê tive aí uns, 5, 6 saco, certeza que se ocê í na cidade, você... tem gente la na cidade que vai comprá. Porque erva tem saída. Num é só num

lugar só que é saída. É pra todos canto. Se ocê tive uns 3, 4 saco de erva, certeza que você vai vendê. Então por isso que eu falo, se ocê tivê uma erva dentro do seu quintal e se ocê mantê ele limpo, e se ocê segura aquele, ah, você tem um dinheiro seguro. Se nós num cuidá vai se afastâno, vai se afastâno, e daqui um tempo vai cabá, porque braquiária vai tomâno conta.

Essas informações contribuem grandemente nas futuras discussões que serão realizadas visando fornecer bases concretas para a autonomia na produção de erva-mate que atende ao anseio da comunidade, bem como reiterando um possível auxílio econômico para os interessados no cultivo da erva.

Evaldo Marques vai além. Ele assegura que há interesse inclusive dos mais novos em aprender as técnicas utilizadas no cultivo e preparação da erva para consumo. Conforme sugere Evaldo:

Acho que se a gente tivesse uns 5, 6 hectare de erva, nós abastecia comunidade né? Óia, erva serve assim pá remédio. Pá queimadura tamém. A gente tá vêno lá, que mostrâmo que trabalho tá sendo feito lá, pá mostrá, que erva dá... um exemplo né? Pra vê se cada um pranta 10, 20 pranta berâno a casa. Tem pessoa aqui que trabaiô na erva. Ele faz erva. Ele vende assim. Eles tem vontade, nós têno um prantio de erva-mate, um Senhor pode orientar e o mais novo pode tá fazêno. Tudo eles tem interesse. Quarqué serviço que eles nunca viru no futuro deles, desde pequeno ate agora, eles tem interesse.

Na concepção de Lídio Cavânia, o experimento genético que foi estabelecido dentro da aldeia tem grande importância não apenas para sustentabilidade interna (produção x consumo), mas pode ser um instrumento para a sustentabilidade econômica dos Kaiowá e Guarani, questão já abordada em constantes reuniões com as lideranças e com a comunidade em geral.

Assim sendo, Lídio ressalta que:

O experimento ajuda essa nova geração e é uma questão de sustentabilidade. Também diminuí a questão da compra, hoje em dia. E também a questão pá fazê erva. Como que fazê. A pessoa já não tem mais experiência, não essa técnica de fazê erva. Eu acho que com essa experimento ali, acredito eu que a pessoa que tem experiência, vai tá passâno conhecimento como li dá com a produção tanto com a colheita pá fazê a erva. Então, um dia a pessoa que já trabaiô ali, passe uma técnica como é o ambiente

da erva. Como plantá. Uma técnica pá cuidá da erva. A maioria da erva aqui é tudo comprada. Essa parte de comercializá. As vez ele planta, só pá consumo. A questão da roça mesmo pouca pessoa tem essa mentalidade de comercializá. A questão da erva tamém, pouca pessoa pensa de comercializá. Onde a gente discute bastante a questão da sustentabilidade. Muitas vezes eles pensa só produzí. E pensa de busca renda só saindo de trabalhá fora. Não pensa de adquiri uma renda através da produção dele. Então, as família que tem interesse através da escola, fortalecê ele, né? Aqui é um desafio muito grande nas reunião a gente discute a sustentabilidade. A gente acredita muito nessa nova geração, a questão da sustentabilidade dentro da aldeia, dentro do espaço dele, não buscá fora. Ele não pensa que quando trabalhá fora fica subordinado, por exemplo uma empresa, então tem que fazê toda exigência da empresa. Quando ele trabalha pra ele mesmo, tudo que ele produz é pra ele mesmo, não pra outra pessoa.

Apesar de as informações serem apresentadas em pequenos tópicos, na oportunidade da entrevista, o fluxo das informações foi contínuo e pôde-se observar o elo entre as questões levantadas, sem necessidade de interrupção, pois os informantes correlacionaram toda sua fala a apenas uma questão: “Qual a importância da erva-mate para a etnia”?

A partir disso, observa-se claramente o valor cultural da espécie vegetal, bem como para a comunidade indígena em geral. Desde o consumo, que demonstrando a necessidade atual de cultivo da erva-mate, podendo inclusive surgir como alternativa econômica.

Portanto, a erva-mate tem importante significado na cultura Kaiowá e Guarani, pois está ligada aos seus costumes e pode contribuir para o fortalecimento das relações pessoais que se estabelece a partir da organização social, fundamentando uma rede de relações e saberes que possivelmente levará à produção e reprodução do seu território, resultando na territorialidade.

Dessa forma, apesar dos avanços percebidos, há ainda um grande desafio das populações indígenas no campo do reconhecimento como povos diferentes e que possuem seu modo de vida peculiar que lhes garantiu, até o presente momento, e até certo ponto, a manutenção de seu bem-estar social, considerando suas potencialidades para a execução de qualquer atividade desempenhada pelo não-índio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sustentabilidade dos Kaiowá e Guarani passa necessariamente pelo fortalecimento da organização social a partir das famílias e das relações de parentesco que são produzidas e reproduzidas nos territórios, permitindo a manifestação de territorialidades específicas. A organização social é o ponto central e, a partir dela, estabelecem-se ramificações que constituem laços de relacionamento e promovem a exploração dos recursos naturais dentro do território e com outros povos.

O uso indiscriminado das árvores nativas associado ao processo de ocupação de áreas para o avanço de monoculturas agrícolas nas áreas remanescentes levou à supressão das populações naturais de *Ilex paraguariensis*. O processo histórico do estado de Mato Grosso do Sul envolve a erva-mate tanto pelo mercado consumidor como pelo valor cultural. Portanto, a espécie torna-se importante para o desenvolvimento do Estado e também contribui para a manutenção das práticas culturais. Devido à importância que a espécie possui para a cultura Kaiowá e Guarani – pois há um elo entre o mundo natural e o sobrenatural e a possibilidade desses costumes contribuírem para o fortalecimento das relações pessoais que se estabelecem a partir da organização social – é fundamental que haja disponível, dentro da área indígena, material vegetal que atenda à demanda interna, além de gerar possíveis excedentes para comercialização.

As populações indígenas, apesar dos avanços percebidos, ainda enfrentam desafios, principalmente, pelo seu modo de vida peculiar, que lhes garantiu até o presente momento, e até certo ponto, a manutenção de seu bem-estar social, aproveitando suas potencialidades a partir de sua ótica, para a execução de qualquer atividade desempenhada pelo não-índio.

O estudo da erva-mate dentro da Reserva Indígena, em Caarapó, torna-se importante e confere alternativa concreta no sentido de apontar estratégias que serão discutidas e aplicadas ao longo do tempo. A interlocução com os atores do processo é relevante, pois valoriza o conhecimento tradicional e contribui para a exequibilidade de ações futuras voltadas para a sustentabilidade interna.

NOTAS:

¹ A “marcha para o Oeste” foi uma das propostas governamentais para o desenvolvimento do país, que visava a investida da população das outras regiões do Brasil para a Centro-Oeste, cuja finalidade era ampliar os núcleos habitacionais já existentes nessa região, aproveitando melhor os recursos praticamente inexplorados dentro das próprias fronteiras políticas.

² Ñanderú – O pai/deus da etnia Kaiowá e Guarani.

³ O barbaquá é um processo rústico de beneficiamento da erva-mate. No barbaquá a erva fica disposta num estrado de madeira sobre a boca de um túnel que conduz o calor produzido por uma fornalha situada na outra extremidade. A fogueira não fica acessa diretamente sobre os ramos, evitando o contato da fumaça com a erva. Depois da secagem, a erva-mate é triturada ou cancheada, utilizando-se a força humana ou animal.

REFERÊNCIAS

ARRÓSPIDE, J.L. *Antonio Ruiz de Montoya y las reducciones del Paraguay*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 1997.

BARTH, F. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BRAND, A.J. *O confinamento e seu impacto sobre os Pãi/Kaiowá*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. *O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani*. 1997. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. Biodiversidade, sócio-diversidade e desenvolvimento: os Kaiowá e Guarani no estado de Mato Grosso do Sul. In: COSTA, R. B. (Org.). *Fragmentação florestal e alternativas de desenvolvimento rural na Região Centro-Oeste*. Campo Grande: UCDB, 2005. p. 1-25.

BRUNET, R.; FERRAS, R.; THÉRY, H. *Lés mots de la Géographie: dictionnaire critique*. *Reclusla Documentación Française*, 1993.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec, 2000.

CONTINI, A.Z. *O gênero Ilex: alternativas de sustentabilidade no uso de etnoespécies pelos Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul*. 2006. 170f. Dissertação

(Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Campo Grande.

DIEGUES, A.C.S. *O mito moderno da natureza intocada*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

GADELHA, R.M.A.H.F. *As missões jesuíticas do Itatim*. Um estudo das estruturas socioeconômicas do Paraguai (séculos XVI e XVII). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GALLOIS, D. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: FANY, Ricardo (Org.). *Terras indígenas e unidades de conservação da natureza: o desafio das sobreposições*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004.

LITTLE, P.E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil*: por uma antropologia da territorialidade. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

LARAIA, R.de B. *Cultura*: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LIMA, A.C. *Um grande cerco de paz*: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

LINHARES, T. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. Coleção Documentos Brasileiros, 522p.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, A.R. *Sociedades indígenas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização*. Petrópolis: Vozes, 1970.

SANTILLI, J. *A incorporação do socioambientalismo à legislação*. Socioambientalismo e novos direitos. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2005.

SEEGER, A.; CASTRO, E.V. Terras e territórios indígenas no Brasil. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 12: 101-109, 1979.

SOUZA, M.L.de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. *et al. Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

VIETTA, K. Não tem quem orienta, a pessoa sozinha é que nem uma folha que vai com o vento: análise sobre alguns impasses presentes entre os Kaiowá/Guarani. In: *Multitemas*, n. 12, p. 52-73, nov. 1998.